

IX Encontro de Pós-Graduação e Pesquisa

Universidade Estadual Vale do Acaraú/Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação

TRAJETÓRIA DA SUDENE NO SEMIÁRIDO NORDESTINO.

Ximenes, Antonia Vanessa Silva Freire Moraes¹; Diniz, Aldiva Sales^{2,3}.

¹Mestranda na Primeira Turma do Curso de Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – MAG/UVA, tendo ingressado no semestre 2013.1 (Fev./2013), estando portanto no 19º mês de um total de 24 meses de curso. Não possui bolsa de estudos. ²Professora Dra. no Curso de Graduação em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA, e ainda no Curso de Mestrado Acadêmico em Geografia da Universidade Estadual Vale do Acaraú – MAG/UVA. ³Orientadora.

(Resumo Expandido de trabalho referente à Área de Conhecimento das Ciências Humanas, sendo sua Subárea a de Geografia).

Palavras-Chave: SUDENE; Atuação Estatal; Semiárido Nordeste.

INTRODUÇÃO

Na década de 1950, no Semiárido nordestino se vivia um momento peculiar resultante do descontentamento dos camponeses que além de terem um histórico superexploração de sua força de trabalho, bem como limitação ao livre acesso de recursos básicos à vida (no campo) como à terra e à água, concentrada nas mãos dos grandes latifundiários, estes camponeses se viam expulsos do campo em decorrência da recente implantação da modernização da agricultura. Estes fatores, aliados à ânsia por reformas na estrutura agrária, fizeram com que estes camponeses se organizassem formando, no início dos anos de 1950 as Ligas Camponesas. (CARVALHO. 1987)

Somado aos camponeses, representados pelas Ligas, na luta por reformas estavam os demais integrantes das Forças Populares, as quais traziam em seu bojo anseios comuns de classes heterogêneas de trabalhadores excluídos das benesses proporcionadas pelos recursos financeiros enviados pelos Governos para a mitigação dos problemas vivenciados por estes, a quem só restava a opressão e submissão àqueles que dessas se apropriavam.

A partir da atuação das Liga de Camponeses, somada às Forças Populares, surgem novas estratégias por parte do Estado capitalista brasileiro, que age na tentativa de minimizar conflitos e atenuar as reivindicações do campo e da cidade. Para tanto, cria um novo órgão de planejamento o qual marca a nova fase de intervenção estatal na Região, a SUDENE, que terá sua atuação pautada não somente na resolução de problemas ocasionados pelas Secas, mas na proposta de desenvolvimento da Região Nordeste.

Diante disto, por se defender a fundamental importância do entendimento das questões que levaram à criação desta Superintendência, bem como de sua trajetória, a pesquisa objetiva analisar esta forma alternativa de interferência estatal, caracterizada pelo planejamento de suas ações pela SUDENE, criada para esta finalidade. Buscando perceber ainda, as mudanças e consequências presentes e resultantes de seu desempenho no Semiárido.

METODOLOGIA

O presente trabalho resulta de pesquisa realizada tomando-se por base o método qualitativo, por ser capaz de atender aos anseios propostos na mesma, que analisa a trajetória da SUDENE no Semiárido nordestino, se utilizando para tanto de procedimentos de pesquisa os quais incluem o levantamento bibliográfico das obras pertinentes ao tema, das quais foram selecionados alguns exemplares para leitura, cuja contribuição é evidenciada na construção dos conhecimentos apresentados neste texto, dos quais são citados: Bernardes (2012), que faz uma abordagem da aparelhagem montada pelo Estado capitalista a fim de atingir o desenvolvimentismo brasileiro, bem como Bursztyn (1985); Carvalho (1987), cujas reflexões contribuem para o entendimento das questões referentes às relações envolvendo o Nordeste brasileiro e o Estado capitalista.

Contribuem com os resultados da pesquisa ainda, as leituras de Diniz (1997 e 1999), que além de contemplar em suas obras a relação que o Estado brasileiro mantém com o Semiárido ao longo dos anos, apontando suas principais políticas intervencionistas, conduz ao conhecimento das lutas e anseios dos camponeses desprestigiados em favor do Capital. Nesta mesma perspectiva de análise estão ainda as obras de Oliveira (1981); e Ianni (2004), que traçam discussões aprofundadas sobre a trajetória da SUDENE. A cerca do Estado Capitalista brasileiro, se buscou embasamento nas leituras de Poulantzas (1977), o qual trata não somente da discussão do Estado em diferentes modos de Produção, mas também da relação deste com as classes sociais que o compõem.

PROBLEMATIZAÇÃO

Em resposta à atuação das Ligas Camponesas e à ameaça de eclosão de uma Revolução Camponesa nos moldes daquela ocorrida em Cuba (Revolução Cubana), o Estado capitalista brasileiro instituiu mudanças, marcando assim sua atuação estratégica por meio de ações planejadas. Para tanto, criou-se no ano de 1960, durante o governo do presidente Juscelino Kubistchek a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - SUDENE, a qual foi viabilizada por meio do Grupo de Trabalho para o Desenvolvimento do Nordeste – GTDN, instituído no ano anterior.

Assim, sob a prerrogativa da “integração”, o Estado capitalista age nesta Região, exercendo sua influência nos territórios, fazendo uma “costura” que aos poucos amarra toda a

população sertaneja, que passa agora a viver segundo os padrões criados pelos estudiosos sulistas que pensam e planejam a vida no Nordeste.

Caracterizando o discurso de mudanças por parte da ação estatal, na década de 1970, dá-se início ao plano desenvolvimentista brasileiro, evidenciado a partir da intensa busca pela criação e acumulação de condições que favorecessem o processo produtivo no país, para tanto são criados os mecanismos necessários.

Por intermédio de seus Órgãos, a ação estatal implementou programas e ações no sentido de conquistar e assim trazer para sua “zona de controle”, os camponeses articulados e atuantes na luta pelas mudanças necessárias naquele momento, buscando assim recuperar a influência hegemônica que exercia sobre estes antes da atuação das Ligas Camponesas.

Como exemplos dessas “políticas de recuperação da hegemonia estatal” perante os camponeses, têm-se durante a década de 1970, a criação de três programas os quais faziam parte da “nova estratégia” de planejamento, a saber, os programas eram o Plano de Integração Nacional - PIN; o Programa de Redistribuição de Terras e Incentivos à Agricultura do Nordeste - PROTERRA e o Programa Especial para o Vale do São Francisco - PROVALE.

Segundo Diniz (1999, p. 21) “[...] a criação desses programas corresponde, dentre outras razões de natureza geopolítica, ao desejo que tem cada governo de querer deixar a marca de sua administração”. Inicia-se assim, uma nova fase da ação estatal, na qual a SUDENE é transformada numa “agência meramente repassadora de verbas e executora de ações vindas do alto” (*Op. cit.* p. 84) cujo objetivo era atender aos interesses dos grupos hegemônicos do Centro Sul, beneficiados com a nova forma de intervenção no Semiárido nordestino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos estudos realizados durante a pesquisa, defende-se que as políticas criadas por e a partir desta Superintendência criada para o (des) envolvimento da região Nordeste pelo Estado capitalista brasileiro no seu anseio por manter a unidade de coesão da formação social do país, papel apontado por Poulantzas (1977) como sendo intrínseco do Estado, foram amplamente ocultadas por um discurso oficial desenvolvimentista cujo objetivo era o fortalecimento da burguesia agrária local, transformando-a em agrária-industrial, revestindo-a com os vernizes da modernidade, necessários à sua entrada e expansão no mercado nacional, e fundamentais à sua inserção no mercado global. Deixando, portanto, de contribuir para o fim das desigualdades e solução de problemas enraizados na história de luta daqueles que desencadearam a criação desta Superintendência, a exemplo das tão aclamadas reformas na distribuição de terras no Semiárido,

fator motivador da atuação das Ligas Camponesas, Organização a qual a SUDENE foi criada para fazer resistência.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERNARDES, Julia Adão. **Mudança Técnica e Espaço**: uma proposta de investigação. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. (Org.). **Geografia: Conceitos e Temas**. 15ª Edição - Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012. Pág. 239 – 269.

BURSZTYN, Marcel. **O poder dos donos: planejamento e clientelismo no Nordeste**. Petrópolis: Vozes; 1985.

CARVALHO, Inaiá Maria Moreira de. **O Nordeste e o regime autoritário**– discurso e prática do planejamento regional. São Paulo: HUCITEC/SUDENE, 1987.

DINIZ, Aldiva Sales. **A Intervenção do Estado e as Relações de Poder na Construção dos Perímetros Irrigados no Nordeste**. Revista Casa da Geografia, Sobral, Volume 1, p. 81-90, 1999.

DINIZ, Aldiva Sales. **Território Controlado – Território (Re) Criado**: Os laços e rupturas das relações Estado e Irrigantes. Dissertação de Mestrado. Recife / UFPE. 1997.

IANNI, Octavio. **Origens Agrárias do Estado Brasileiro**. São Paulo: Editora Brasiliense; 2004.

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma re(li)gião**: SUDENE, Nordeste. Planejamento e conflitos de classes. 4. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

POULANTZAS, Nicos. **Poder político e classes sociais**. São Paulo: Martins Fontes, 1977.